

Maria do Socorro Pimentel da Silva
(UFG)

Fenômeno do bilingüismo na sociedade Karajá e no processo escolar

RESUMO

Neste trabalho tratamos do bilingüismo na sociedade Karajá, bem como as causas e conseqüências geradas por esse fenômeno, em decorrência de uma relação discursiva assimétrica e diglósica desses indígenas com a sociedade não-indígena. Os Karajá vivem hoje em 12 aldeias, cada uma apresentando uma situação sociolingüística distinta, mas todas elas têm experimentado, ao longo dos anos, a imposição de valores culturais externos, que tem contribuído com a desvalorização de sua língua materna e até mesmo a perda de espaços discursivos a ela reservada. Em muitas comunidades Karajá, a língua materna está ameaçada de extinção. Muitos de seus membros, principalmente os jovens, são hoje monolíngües em língua portuguesa, situação que compromete a sobrevivência dessa língua nesse contexto.

PALAVRAS-CHAVE Karajá; Bilingüismo; Perda lingüística.

RESUMEN

En ese trabajo tratamos del bilingüismo en la sociedad Karajá, como así también sobre las causas y consecuencias generadas por este fenómeno, como resultado de una relación discursiva asimétrica y diglósica de esos indígenas con la sociedad no-indígena. Los Karajá viven, hoy, en doce comunidades, cada cual con una distinta situación sociolingüística, pero todas ellas han experimentado, al paso de los años, la imposición de valores culturales externos, que ha contribuido con la depreciación de su lengua materna y, hasta mismo, la pérdida de espacios discursivos a ella reservados. En muchas comunidades Karajá, la lengua materna se encuentra amenazada de extinción. Muchos de sus miembros, principalmente los jóvenes, son hoy monolíngües en lengua portuguesa, situación esa que compromete la supervivencia de la lengua indígena en ese contexto.

Palabras llave Karajá; Bilingüismo; Perdida lingüística.

INTRODUÇÃO

O povo Karajá habita os Estados do Tocantins, Mato Grosso, Goiás e Pará. Pertence ao tronco lingüístico Macro-Jê, tem uma população de mais ao menos 2000 pessoas, vivendo em 14 aldeias, além dos pequenos agrupamentos familiares existentes ao longo do rio Araguaia.

As comunidades Karajá apresentam realidades sociolingüísticas distintas umas das outras. Todas, no entanto, vivem uma situação de bilingüismo de invasão da língua portuguesa, realidade que tem provocado a perda quase que da língua Karajá em muitas aldeias, como, por exemplo, Kurehe e Xambiowa, no Estado do Tocantins. Nestas comunidades, as crianças e jovens só falam a língua portuguesa e todos, com exceção de uma meia dúzia de pessoas, comunicam-se nessa língua.

FENÔMENO DE BILINGÜISMO

O fenômeno de perda de línguas é mundial. Segundo Krauss (1993), citado por Adelaar (2000), 95% das línguas minoritárias faladas hoje no mundo encontram-se em perigo de extinção. Para este autor, uma língua está realmente em processo de morte, quando as crianças deixam de adquiri-la e de usá-la. As línguas, nessa situação, ficam anêmicas, faltam-lhes o sangue das populações, segundo Rodrigues (2000). Já Pimentel da Silva (2001) afirma que a anemia de uma língua é provocada também pela perda gradativa de sua complexidade, ou seja, quando nem todos os usos típicos da língua são mais feitos ou então, quando não são mais criados novos discursos ou novas palavras, etc.

Infelizmente, essa é a realidade de muitas comunidades Karajá, fato gerado em conseqüência de um bilingüismo assimétrico, instalado desde os primeiros contatos com a sociedade dita envolvente. Este fenômeno, denominado diglossia, foi interpretado pelos sociolingüistas americanos, Ferguson (1959) e Fishman (1967), numa visão estruturalista, ou seja, cada língua no seu domínio, exercendo uma função específica. Já os sociolingüistas europeus, como Hamel (1984), concebem o conflito lingüístico como parte constitutiva da interação social, e defendem que, em situação diglössica, não existe apenas uma diferenciação funcional aparentemente neutra entre as línguas, mas uma relação de conflito discursivo entre uma língua dominante e uma dominada.

As relações de conflitos discursivos entre sociedades não-indígenas e as indígenas são um fenômeno ainda pouco tratado nas escolas desses últimos. A escola indígena, na sua maioria, ainda desenvolve uma prática de ensino fundamentada numa política integracionista e em uma concepção estruturalista. Este tipo de educação pouco contribui com a manutenção da língua materna e do saber produzido pelos indígenas.

BILINGÜISMO E ENSINO BILÍNGÜE KARAJÁ

Entre os Karajá, o bilingüismo adotado na escola ainda é do tipo de transição, herança de uma política indigenista integracionista. A diglossia, nesse contexto, é tratada de modo bem estruturalista, ou seja, o ensino da língua portuguesa e da Karajá acontece de forma compartimentalizada e desligado da necessidade de uso da língua portuguesa por esses indígenas. Não há uma discussão sobre os discursos diglössicos construídos nas relações intermediárias. Estes não fazem parte do currículo escolar, conseqüentemente, não se incluem na metodologia e no material didático usados pelos professores. Tudo é inconscientemente camuflado. Isso tem contribuído sensivelmente com a anemia da língua Karajá. Normalmente,

o material didático adotado em língua Karajá ou são as cartilhas que foram produzidas na década de 70 pelo *Summer Institute of Linguistic (SIL)*, como mostra o exemplo 1, ou então são textos descritivos, informativos, como, o do exemplo 2.

Exemplo 1 - “Texto” retirado da cartilha Iny Tykyriti nº 3

Wery rarybera:	<i>Wery falou:</i>
– Biu rarerí	– <i>A chuva está vindo.</i>
Ijõ habu tule rarybera:	<i>O outro homem também falou:</i>
– Biu rarerí.	– <i>A chuva está chegando.</i>

Exemplo 2 - Nawikie-my ijyky

Nawikie bederaku-my ryimyhyre. Tiki boho asimyriraku-ximyhyre, taritxòre tiki asiribile ritibienmyhyre. Nawikie iritxòre sòwe-my rukamyhyre, **debowikò**-my ijõ **waikyre** ijõ raritxòrenmyhyre. Nawikie nawiki nihiky rare. Nawikie biku-txi ruòkòhykylemyhyre bededile ryimyhyre tekòre-ki.

A ema vive no varjão. Ela alimenta seus filhotes com capim. Ela costuma ter muitos filhotes, de dez a quinze. A ema não voa, por isso ela vive no chão. Ela é uma ave muito grande, que corre muito, e nós usamos suas penas para fazer artesanato.

O primeiro “texto” constitui-se de frases soltas, baseia-se numa visão mecanicista de linguagem, portanto, desligada da realidade social e lingüística do povo Karajá. Já o segundo é um texto informativo, de uso real da língua Karajá, importante na revitalização da língua e na manutenção do saber desse povo, desde que seja levada em conta a situação de produção, e que se debata de modo amplo sobre o uso da língua Karajá. As palavras *debowikò* (dez) e *waikyre* (quinze) negritadas no referido texto são trocadas no discurso do cotidiano por *deisi* (dez) e *kizi* (quinze), respectivamente. Os exemplos 3 e 4 revelam essa realidade lingüística.

3 – Kòtuni rimyra deisi-my wabikòwa (*Meu amigo pegou dez tartarugas*)

4 – Kòtu rimyra kizi-my waha (*Meu pai pegou quinze tracajás*)

Para que os jovens tomem ciência do que está acontecendo com sua língua torna-se necessário que o professor adote na sala de aula também os discursos diglòssicos usados no cotidiano, como no exemplo 5, na fala masculina, e 6, na feminina. É preciso lembrar que no Karajá há diferenças entre as falas masculina e feminina (cf. Borges (1997)). Essa diferença acentua-se mais na fonologia da língua, embora aconteça também na morfologia e no léxico.

5 – Kau diarỹ boho ròirenyre **festa**-my **enfermera** heto-ki. Sòemy tai ijòdire **bolo ta warana** (*Ontem nós fomos a uma festa lá na casa da enfermeira. Tinha muito bolo e guaraná*) – fala masculina

6 – Kau dikarý boho ròirenyre **festa-my enfermera** hetoku-ki. Sõemy tai ijõdire **bolo** kia **warana**. (*Ontem fomos a uma festa na casa da enfermeira. Tinha muito bolo e guaraná*) – fala feminina

Esses são enunciados de uso do cotidiano Karajá. Neles, podemos observar que há invasão da língua portuguesa em contextos Karajá. Sem essa influência os enunciados seriam assim:

7 – Kau diarý boho ròirenyre **ixena-ò luahidydu** heto-ki. Sõemy tai ijõdire **hina** kia **warana** wana (*Ontem nós fomos a uma festa lá na casa da enfermeira. Tinha muito bolo e guaraná*) - fala masculina

8 – Kau dikarý boho ròirenyre **ixena-kò luahidydu** heto-ki. Sõemy tai ijõdire **hina** ta **warana** wana. (*Ontem nós fomos a uma festa na casa da enfermeira. Tinha muito bolo e guaraná*) - fala feminina

Grosjean (1982), Hamel (1984), Martins-Jones (1988) e outros estudiosos apontam várias causas para o desaparecimento de uma língua. Todas elas dizem respeito à imposição cultural e lingüística de uma sociedade sobre a outra, pois a língua de uma sociedade, ao entrar na outra, leva consigo a concepção de mundo do povo que a fala. Isso, numa relação assimétrica, gera conflitos e quebra os elos que ligam os gêneros dos discursos de uma sociedade, pois a palavra estrangeira, segundo Bakhtin/Volochinov (1929), transporta consigo forças e estruturas sociais de um outro mundo e de uma outra verdade. O quadro a seguir mostra claramente como a língua Karajá vai aportuguesando.

EMPRÉSTIMOS QUE SUBSTITUEM PALAVRAS KARAJÁ

Os empréstimos constantes do quadro abaixo aconteceram de forma diferente. As palavras da primeira coluna entraram na língua Karajá mediante pequena adaptação fonológica, que levou em conta a variedade regional da língua portuguesa. Já as palavras da segunda coluna foram criadas com recursos lingüísticos da própria língua Karajá. Muitas delas, de fato, apenas receberam novo sentido, como, por exemplo, *jiky*, que significa pele, cobertura do corpo, passou a designar também roupa. *Rue*, cujo significado é olhos, passou a significar também óculos. Outras foram formadas com elementos mórficos da própria língua, como, por exemplo, *bikuhekòty*, que significa avião. Essa foi construída da seguinte forma: *biku* (céu) e *hekòty* (fogo) formaram *bikuhekòty*, cujo significado literal é “fogo que anda no céu”.

Palavras novas	Palavras antigas	Tradução
Kopu	Bedekò	<i>Copo</i>
Bone	Kojidese	<i>Boné</i>
Heloxi	Dekòruti	<i>Relógio</i>
Kola	Lòkysana	<i>Colar</i>
Ókulu	Rue	<i>Óculos</i>
Hopa	Jiky	<i>Roupa</i>
Avião	Biuheòty	<i>Avião</i>

Como vimos, o bilingüismo apresenta-se sempre como uma faca de dois cumes: há situações em que ele pode ampliar a língua materna; já, em outras, cria circunstâncias que provocam a morte dessa língua.

Entre os Karajá, esta realidade acontece quando a língua portuguesa invade os espaços discursivos do cotidiano Karajá, e impõe a ideologia do povo que a fala, o que tem provocado o “desmoronamento” dos espaços especializados de uso da língua Karajá. O resultado disso tem sido a morte lenta e agonizante dessa língua em muitas comunidades e em muitos espaços sociais de comunidades que falam esta língua, tais como, o *Ijoina* (espaço especializado masculino). Preservar, portanto, os espaços de produção especializada e cotidiana é garantir não só o uso da língua, mas também sua atualização, salvaguardando as experiências vividas entre as gerações.

Nesse sentido, é interessante que a escola adote, de fato, um sistema de ensino bilíngüe pluralista, fundamentado em uma concepção socio-histórica de linguagem. No que se refere especificamente ao ensino da língua Karajá, este deve contemplar todos os gêneros do discurso, sejam os produzidos nos espaços especializados, sejam os usados nos espaços cotidianos ou, ainda, nas relações discursivas intermediárias, de defesa, etc. Com isso, o professor terá a oportunidade de discutir com seus alunos a diversidade discursiva usada por sua comunidade e a situação de produção de cada discurso, bem como os processos de mistura das línguas Karajá e portuguesa em um mesmo enunciado ou até mesmo em uma palavra.

Isto permitirá que os jovens e crianças entendam a realidade de uso de sua língua e os processos que ela vive hoje em decorrência de fatores extralingüísticos. Essa informação, com certeza, contribuirá com a adoção de medidas em favor da manutenção dessa língua. Num sistema de ensino bilíngüe, a escola deve trabalhar com todos os fenômenos implicados nesse processo, discutindo-os de forma crítica, sem esconder nenhum aspecto. Nos exemplos, a seguir, podemos perceber mais uma vez a interferência da língua portuguesa na Karajá

9 – Dikarĩ **come** makixomo (*Eu como arroz*)

10 – Kuaki ikowy **só um real**. (*Lá [na loja] custa só um real*)

11 – **Procura** ilahi (*Procura sua avó*)

Podemos perceber, nesses exemplos, que não apenas substantivos da língua portuguesa estão sendo acrescentados à língua Karajá, mas também verbos, tais como,

come, procura, que estão substituindo *rerÿsÿre* e *beije*, respectivamente. Este tipo de atitude lingüística tem contribuído com a morte da língua Karajá em muitas aldeias. São situações de mistura de línguas desfavoráveis à sua manutenção.

Essas interferências são frutos de um processo diglössico histórico conflituoso. A diglossia, aqui, é entendida como parte de um conflito intercultural, em que aspectos sociolingüísticos se manifestam em uma relação assimétrica entre as práticas discursivas dos dominantes e as práticas discursivas dos Karajá. Essa situação faz parte de um processo que tende a dissolver a diglossia e instalar um monolingüismo em língua portuguesa, como já acontece em algumas comunidades.

A perda de língua caminha sempre do bilingüismo ativo para o bilingüismo passivo/receptivo e, finalmente, para o monolingüismo na língua dominante. Esta é uma questão que merece ser discutida na escola e apresentar as causas e conseqüências desse processo. Tudo isso pode favorecer a manutenção da língua Karajá. Os falantes desse idioma poderão mudar de atitude, ao invés de substituir palavras de sua língua pelas da língua portuguesa ou tomar emprestado palavras fazendo apenas pequenas adaptações, poderão criar, dependendo da situação, novas palavras. Esta atitude lingüística era adotada pelas gerações passadas ou pelas gerações mais velhas de hoje.

Uma das ações do Projeto de Educação e Cultura Indígena Maurehi¹, que se desenvolve desde 1995 em Buridina, aldeia Karajá, localizada em Aruanã-GO, é promover encontros anuais para discutir a situação de uso da língua e da cultura Karajá e adotar medidas para revitalizá-las. No último encontro, realizado em setembro do ano passado, o tema foi invasão lingüística. Uma das questões mais discutidas foi a criação de palavras para nomear os objetos que ainda não têm nome em Karajá, como nos exemplos a seguir:

12 – Rybemyndu: rybe – *fala*; myny – *pegar*; du – *nominalizador = pegador de palavras = gravador*

13 – Mare somo: mare – *massa de beiju*; sōmo – *pequeno = massa de beiju pequeno = pão*

14 – Rÿsÿnalurana: rÿsÿna – *comida*; lura – *cozida*; na – *lugar = lugar de fazer comida = fogão*.

Todos os nomes de objetos que fizeram parte do debate receberam várias denominações. A considerada mais aceita pelos professores foi a escolhida. Esses são aspectos importantes do bilingüismo que começam a ser discutidos pelos professores, embora ainda de maneira bastante tímida. O sistema de numeração também faz parte dessa discussão. Hoje, a grande maioria dos Karajá usa, praticamente, só o sistema de numeração dos não-índios. Dependendo da situação, utiliza também seu sistema, escolha cada vez mais rara. No futuro, os jovens poderão não usar mais esse sistema de numeração. Tudo dependerá da atitude lingüística dos Karajá de hoje e também como essa questão for tratada na escola.

¹ O referido projeto é coordenado por nós. Seu principal objetivo é revitalizar a língua e a cultura Karajá. Esse projeto constitui-se de várias ações, entre as mais importantes estão a Escola Indígena Maurehi e o Centro Cultural Maurehi.

Tradicionalmente, os Karajá contavam até 5, ou seja, *sohoji* (um), *inatxi* (dois), *inatanõ* (três), *inykubikòwa* (quatro) e *irukyre* (cinco). A interação com os não-índios criou motivos para ampliar o sistema de numeração, como mostram os exemplos a seguir.

15 – debò sohoji	=	6	(<i>uma mão mais um dedo</i>)
16 – debò inatxi	=	7	(<i>uma mão mais dois dedos</i>)
17 – debò inatanõ	=	8	(<i>uma mão mais três dedos</i>)
18 – debò inakubikòwa	=	9	(<i>uma mão mais quatro dedos</i>)
19 – debò wikò	=	10	(<i>duas mãos</i>)
20 – wakò sohoji	=	11	(<i>duas mãos mais um dedo do pé</i>)
21 – wawikò	=	20	(<i>duas mãos e dois pés</i>)
22 – wawikò ribi inatxi	=	22,	etc. (<i>duas mãos, dois pé e mais dois dedos</i>)

O bilingüismo na sociedade Karajá apresenta, como já vimos, os dois lados de uma mesma moeda: de um, o enriquecimento da cultura e da língua desse povo, que se dá pela criação de novos valores e conceitos; do outro, o deslocamento sociolingüístico e cultural, que se dá pela invasão impositiva da cultura dominante.

Esses dois lados do bilingüismo devem fazer parte das ações pedagógicas da escola Karajá. Só assim, os jovens formarão uma consciência crítica dessa realidade e, com certeza, tomarão medidas para evitar a morte de sua língua materna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossos estudos sobre o bilingüismo na sociedade Karajá, constatamos que a língua portuguesa não tem entrada franca nos espaços especializados da mesma forma que tem nos do cotidiano informal. Não há nas letras das músicas de *Ijasò*, dos discursos dos rituais de *Hetohokỹ*, por exemplo, marcas da língua portuguesa, tampouco nos textos mitológicos. A língua Karajá especializada, portanto, vai morrendo de modo diferente da do cotidiano informal. A sua morte se dá porque os espaços que a produzem desaparecem e em seu lugar surgem espaços de uso da língua portuguesa.

A perda da língua Karajá especializada provoca a perda de muitas outras linguagens especializadas. Sem a língua materna não há, por exemplo, a festa de *Hetohokỹ* e, sem esta, as músicas, as danças, as pinturas e os adornos, usados nesse evento, vão aos poucos desaparecendo. Sem a língua materna, os *ijasò* não cantam nem dançam, não alegram a vida desses indígenas, conectando-os com outros mundos Karajá. A língua materna precisa desses contextos de produção para ganhar vida e significado; fora deles perde a seiva que a alimenta no uso cotidiano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADELAAR, W. F. H. (2000). La diversidad Lingüística y la extinción de las lenguas. In F. Queixalós & O. Renault-Lescure (Orgs). *As Línguas Amazônicas Hoje*. São Paulo: Instituto Sócio-ambiental / IRD/ MPEG, pp. 29-35.

- BAKHTIN, M. (1929) *Estética da criação verbal*. São Paulo: Editora Martins Fontes.
- BORGES, M. V. (1999). *As Falas Feminina e Masculina no Karajá*. Goiânia: UFG. Dissertação de Mestrado
- HAMEL, R. E. (1984). Conflito sociocultural y educacional bilingüe: el caso de los indígenas otomies en Mexico. *Revista Internacional de Ciencias Sociales - interacción por medio del language*. Paris: UNESCO, Vol. 36, n^o 1, pp. 117-132.
- FISHMAN, J. (1967). The relationship between micro- and macro- sociolinguistics in the study of speaks what language and to whom. *Journal of Social Issues*, Vol. 23, n^o. 3, pp. 15-31.
- _____.(1980). Bilingualism and biculturalism as individual and as societal phenomena. *Journal of Multilingual and Multicultural Development*, Vol.1, n^o.1, pp. 3-15.
- FERGUSON, C. A. (1959). Diglossia. *Word*, n^o 15, pp. 325-340.
- GROSJEAN, F. (1982). *Life with two languages: an introduction to bilingualism*. Cambridge: Harvard University Press.
- MARTINS-JONES, M. (1988). Language, power and linguistic minorities: The need for an alternative approach to bilingualism, language maintenance and shift. R. Grillo (Org.) *Social Anthropology and the Policies of Language*: London, pp. 106-125.
- PIMENTEL DA SILVA, M. S. (2001). *O papel do Mito na Revitalização Cultural da Língua Karajá*. São Paulo: PUC-SP. Tese de Doutorado.
- RODRIGUES, A.D. (2000). Panorama das Línguas Indígenas da Amazônia. In F. Queixalós & O. Renault-Lescure (Orgs). *As Línguas Amazônicas Hoje*. São Paulo: Instituto Sócio-ambiental / IRD/MPEG, pp. 29-35.